

Estereótipos étnicos e representações sociais: uma breve incursão teórica

Ethnic stereotypes and social representations: a brief theoretical excursion

Karla Cristina Silva Sousa²

João de Deus Vieira Barros³

RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões realizadas na dissertação de Mestrado em Educação cujo título foi “Estereótipos étnicos nas representações de crianças escolarizadas em São Luís do Maranhão” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. O objetivo do artigo é situar a relação existente entre estereótipos étnicos e representações sociais, fazendo uma breve apresentação destes a partir das ideias de Jodelet, Moscovici, Tajfel, Batista, Fernandes, Bastide. Concluímos que existe uma estreita relação entre estereótipos e representações sociais.

Palavras-chave: Estereótipos. Representações sociais. Preconceito.

ABSTRAC

This article is a result from discussions made in dissertation entitled “Ethnic stereotypes in the representations of children in school age in São Luís, Maranhão”, presented to the Masters in Education Program of Federal University of Maranhão. The purpose of the article is set the relation between ethnic stereotypes and social representations, by doing a brief presentation of them from Jodelet, Moscovivi, Tajfel, Batista, Fernandes and Bastide ideas. In conclusion I argue that exist a thin relationship between stereotypes and social representations.

Keywords: Stereotypes. Social representations. Prejudice.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente II do Departamento de Educação II, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.

³ Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação II.

Introdução

Estudos realizados no Brasil mostram que os estereótipos⁴ são os mais recorrentes em relação à representação sobre o negro em nossa sociedade. Para entender porque certos traços característicos de determinado povo levam o nome de estereótipos devemos retornar ao ano 1000, pois neste ano, na China, um tipógrafo cujo nome era Pi Ching inventou um processo de impressão que depois seria adotado por toda Europa cujo nome era estereotipia.

Antes da estereotipia, os livros eram compostos manualmente, página por página, formados por tipos móveis que se combinavam e assim surgiam as palavras impressas, porém tal processo era demorado e trabalhoso. Pi Ching, muito antes dos europeus, inventou um modo de impressão, ao invés de fazer e desfazer as páginas este as conservava por meio de um material composto de cera derretida que permitia sucessivas reimpressões dos moldes fixos obtidos.

Esta placa dura de cera que permitia várias impressões, funcionando como uma matriz recebeu o nome de estereótipo ou clichê (palavras muito conhecidas no meio jornalístico) e o processo de impressão recebeu o nome de estereotipia. (VIANNA, 1995).

Em Cunha (1991), o termo estereótipo vem do grego *stereos* (sólido, firme) e tipos do latim *typus* (modelos, exemplos, símbolos), logo, estereótipo segundo o autor, seria modelo fixo de imagem. Já clichê vem do francês, do verbo *clicher* e significa “coar matéria derretida”; *clicher* é então: produzir um estereótipo, estereotipar. Vemos que, etimologicamente, o termo “estereótipo” diz respeito a uma placa metálica destinada a impressão em série. Embora tenha vindo da tipografia este vocábulo tomou uma conotação psicossocial que nos remete para “[...] uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reações dos membros de um grupo, com as características de rigidez e homogeneidade” (SIMÕES, 1985, p. 207). Encontro em Gahagan (1980) a seguinte definição

⁴ A exemplo destes estudos encontram-se: Bastide e Florestan (2008), Schwarzc (1993), Bastide (1993), dentre outros.

Um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...]. O estereótipo é, provavelmente, muito inexacto como descrição de um dado sujeito [...] mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional. Um desses traços levaria então à inferência de outros traços [...]. (GAHAGAN, 1980, p. 70).

Baptista (1996, p. 2) argumenta que o termo estereótipo foi introduzido pela primeira vez nas Ciências Sociais por meio da obra intitulada *Public Opinion* (1922) do jornalista Walter Lippmann⁵, no qual expunha as influências das concepções nacionalistas etnocêntricas nas relações políticas entre os países durante a Primeira Guerra Mundial.

O estereótipo⁶ é uma noção que pode ser estudada conforme duas perspectivas diferenciadas, porém de certo modo complementares: do ponto de vista cognitivo, enquanto *shema*⁷, ou numa perspectiva de cunho social, enquanto produto da interação social (Tajfel, 1980). Do ponto de vista cognitivo dá-se ênfase ao processo de construção dos estereótipos; do ponto de vista social acentua-se os conteúdos categoriais.

Na Psicologia Cognitiva o estereótipo é considerado social por se referir às características de grupos e por se tratar de cognições de grupos, possuindo desta maneira importante papel na memória construtiva, na realidade eles são “[...] um pacote de conhecimentos acerca de traços de personalidade ou atributos físicos que assumimos serem verdadeiros para toda uma classe de pessoas” (ATKINSON, 1983 apud LIMA 1997, p. 3).

⁵ Cf. Batista, 1996.

⁶ Atualmente, segundo Pereira (2002, p. 45) os estereótipos foram definidos como crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados. Já a estereotipização define-se como o processo de aplicar um julgamento estereotipado a um indivíduo de forma a apresentá-lo como portador de traços intercambiáveis com outros membros de uma mesma categoria (Ibid, p. 46). O termo estereotipia é derivado do conceito de estereótipo, a estereotipia é uma tecnologia tipográfica capaz de reproduzir inúmeras cópias. Ela é resultado da intolerância e da ignorância, refere-se àquilo que é diferente e que causa estranhamento, que ameaça.

⁷ Schema em Durand (2002, p. 59) aproxima-se deste sentido “signos, imagens, símbolos, alegorias, emblemas, arquétipos, esquemas (schemas), ilustrações, representações”, ou seja, o símbolo-motor que presentifica os gestos e pulsões inconscientes.

Os estereótipos são constituintes de nossa memória⁸ sobre um indivíduo ou grupo de indivíduos. Eles também nos permitem reconstruir a memória que temos destes de modo a alterar a realidade na qual está inscrito de modo “[...] a que estes se encontrem de acordo com o estereótipo que já se detém” (LIMA, 1997, p. 3).

Uma outra teoria que trabalha com o estereótipo é a da informação⁹ que o entende como um conhecimento organizado no sujeito segundo uma quantidade de informação que pode ser acedida com o mínimo de esforço cognitivo, isto é, enquanto estrutura cognitiva organizada a partir de proposições que constituem sua base estrutural, (HAMILTON; SHERMAN, 1994 apud LIMA, 1997). Se considerarmos os estereótipos como uma forma particular de esquemas¹⁰, podemos dizer que estes constroem a memória que temos sobre os indivíduos ou grupos de indivíduos respeitando certas constelações de imagens.

A outra perspectiva assinalada no começo deste capítulo é sócio-cultural que entende que “[...] são as estandardizações culturais e sociais, absorvidas durante o processo de socialização, os elementos mais importantes na formação e conteúdo dos estereótipos” (LISI et al, 1990 apud LIMA, 1997, p. 12). Entendo que esta citação faz pensar nos estereótipos, na estereotipia enquanto fenômenos sociais emergentes de categorizações sociais que produzem as identidades sociais.

Tajfel (1969, p. 85-86) considera que “[...] a estereotipia implica fatores cognitivos, avaliativos e emocionais e que os factores avaliativos são basicamente o resultado da assimilação de valores sociais”. Para Tajfel os estereótipos estão ligados a processos cognitivos, mas só podemos compreendê-los como sistemas de

⁸ Sobre memória coletiva ver LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

⁹ A Psicologia Cognitiva e A Teoria da Informação sofrem críticas por não considerarem os estereótipos como fenômenos sociais bem como os terem como neutros e os entenderam como mera redução (Carmo, 2005, Lima, 1997).

¹⁰ Em Durand (2002, p. 60) os esquemas “é uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário [...] faz a junção entre as dominantes reflexas e as representações”. Como esquemas são: “trajetos encarnados em representações concretas precisas”.

valores “[...] a partir dos quais os indivíduos se categorizam a si próprios e aos outros, de forma a procurar uma imagem positiva de si como atores sociais” (LIMA, 1997, p. 14).

O estereótipo é então um produto social fruto das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, determinados sociologicamente porque são visões que temos acerca das relações sociais. Ele funciona como uma “[...] crença generalizada, que combina cognição com afetividade” (LIMA, 1997, p. 14), ou crenças múltiplas, conforme Bhabha (2007). Por funcionarem desta maneira eles se auto-justificam e se perpetuam fazendo com que os indivíduos estereotipados se comportem tal qual a estereotipia a qual lhe conferiram.

Naturalmente, os estereótipos podem se manifestar sob várias formas. Em geral, eles se encontram profundamente enraizados nas tradições culturais de um povo. Elementos tradicionais, tais como as lendas, os provérbios e as anedotas encarregam-se de transmitir de geração a geração o conteúdo dos mesmos. (PEREIRA, 2002, p. 10).

Os estereótipos aparecem em diferentes contextos sociais, contendo características consensuais, homogeneizadoras, assim “[...] o processo de estereotipização é estritamente individual, enquanto que os estereótipos podem ser considerados como produtos compartilhados amplamente no interior de um grupo social” (PEREIRA, 2002, p. 50).

Destarte, eles funcionam como representações sociais e enquanto tal “[...] a representação social é mais do que o estereótipo, mas este constitui uma parte importante da representação social” (TAJFEL, 1980, p. 22). Neste sentido, cabe entendermos o que é a representação social e sua relação com o estereótipo, pois ele é produto de relações sociais que os grupos mantêm. A função social do estereótipo pode influenciar a estereotipia em virtude deste possuir um papel “[...] de legitimar as formas de dominação e poder social de um grupo sobre o outro e daí o assumirem um carácter (sic) mais frequentemente depreciativo face aos ‘outros’, muito diferentes de nós” (LIMA, 1996, p. 14) quer dizer que o outro é aquele que não desejamos ser.

Os estereótipos constituem frequentemente a base dos preconceitos, apresentando um forte enraizamento histórico e cultural: contêm um aspecto cognitivo de pré-juízo e encontram-se profundamente arraigados (sic) à forma como, tradicionalmente, os grupos sociais se relacionam entre si – forma essa que consideram legítima, pois percebem-se de um modo determinados, que, muitas vezes se encontra consolidado historicamente. (LIMA, 1996, p. 15).

Por ter estas características acima mencionadas é que decidi nesta pesquisa analisar como este enraizamento histórico e cultural ocorre nas representações das crianças. Ele é representação social de um determinado grupo e está contido nas suas representações, visto que

[...] as raízes dos nossos preconceitos não acabam no nosso solo nativo, é necessário encontrar as raízes mais profundas das relações de poder, que se projetam tanto no passado como no futuro, e que contribuem frequentemente para conflitos e lutas entre as diferentes partes da sociedade e entre as sociedades. (LIMA, 1996, p.16).

Na busca destas raízes chego à Psicologia Social por meio da Teoria das Representações Sociais que permite compreender os estereótipos como representações sociais de um grupo. Mas o que seria representação social e qual sua relação com os estereótipos étnicos, objeto estudado aqui?

2 Estereótipo e representação social: uma relação estreita

O homem é um ser social, pois está inserido num mundo social no qual pensamentos e ideias formam a vida social. A representação abrange as figuras e expressões que socializamos sobre a realidade, ela possui imagens e falas organizadas que perpassam a cultura, a sociedade e por meio dela os comportamentos e pensamentos podem se padronizar (MOSCOVICI, 1978).

De acordo com este pensamento, as representações sociais seriam um ajustamento que nós fazemos para resolvermos problemas de nossas vidas bem como um meio de dominarmos

nosso mundo. Ela é “[...] construção de um objeto e expressão de um sujeito” (VALA, 1993, p. 354).

Como foi evidenciado anteriormente, as representações sociais “[...] são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002, p. 22), logo, a RS está na interface da Psicologia e da Sociologia, sendo uma alternativa na captação de fenômenos. Jodelet ressalta ainda que uma RS deva ser estudada articulando os elementos afetivos, mentais, sociais, interagindo com a cognição, linguagem e a comunicação, bem como com as relações sociais que afetam as representações e a realidade (material, social, ideal = ideias) sobre as quais elas intervêm.

Pensando deste modo, posso dizer que as representações sociais nos remetem para pertenças sociais do sujeito, englobando suas formas de comunicar, sua função e eficácia social. Como destacado anteriormente, as representações sociais não são somente reprodução mental da realidade exterior ao sujeito, elas permeiam a realidade organizando informações, opiniões, atitudes e crenças sobre um dado objeto. Assim que constituídas, as representações sociais induzem os indivíduos a criarem uma realidade condizente com as explicações contidas nelas. Diante disto, a estereotipia social, que é o enviesamento cognitivo, veicula e expressa determinadas RS. (BAPTISTA, 1996).

A estereotipia procura confirmação empírica por meio do enviesamento da realidade sobre a qual o estereótipo é constituído, entendendo esta realidade como uma mistificação. A representação social mantém então estreita relação com os estereótipos em virtude da primeira ser socialmente compartilhada por um grupo de indivíduos e produzida coletivamente, resultando da atividade simbólica e cognitiva de determinado grupo.

Os estereótipos constituem a memória do indivíduo sobre determinado objeto estereotipado, sendo representações partilhadas que refletem problemas, projetos e estratégias de grupos sociais, porém, nem todas as representações sociais podem se originar de

estereótipos. Mas, a representação social permite-nos acrescentar o estereótipo como forma de RS, por ser um tipo específico de atitude fundado em crenças relativas a determinados grupos. (BATISTA, 1996).

Entender o fenômeno do estereótipo como uma representação social significa entender a RS como um objeto que deve ser compreendido em dois âmbitos: na complexidade de uma estrutura e no alcance de sua influência, isto é, como conteúdo a ser conhecido e como processo dinâmico em constante movimento.

Por serem processos dinâmicos balizados pelos processos de ancoragem e objetivação as RS explicam a formação dos estereótipos porque, assim como as RS, os estereótipos podem ser compreendidos através da ancoragem e da objetivação, pois eles também são representações sociais, são atitudes rígidas com forte carga afetiva e tendem a refletir posições relativas em sistemas generalizados de estratificação. (BAPTISTA, 1996).

Os estereótipos enquanto formas de representação social são produtos de interação social e possuem irracionalidade, vulnerabilidade mesmo estando diante de informações corretas. Por serem rígidos, os estereótipos são entendidos como falsa percepção da realidade, porém, necessariamente eles não são somente falsa compreensão da realidade. Pelo visto, eles adquirem um alto grau de estabilidade e alto nível de convencionalidade, o que os torna de difícil alteração, mesmo quando os sujeitos dispõem de informações capazes de invalidar a estereotipia de determinado objeto representado.

Assim vejo que a irracionalidade característica do estereótipo não decorre do seu conteúdo apenas, mas sim da sua rigidez em face de eventos racionais capazes de contradizê-lo. Deste modo, os estereótipos podem ficar inalterados durante décadas, séculos apesar de campanhas de sensibilização para com os atores sociais envolvidos, eles não são de fácil mudança. Os estereótipos formam-se a partir de “[...] uma mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas” (BILLIGMEIER apud BAPTISTA, 1996, p. 10), e da sociedade tendo como função a organização e estrutura-

ção da realidade.

Do ponto de vista da organização do real o estereótipo social é uma forma de categorização da realidade que possui uma forte coloração avaliativa e afectiva (sic), frequentemente negativa, mas que também pode surgir com conteúdo positivo. [...] os estereótipos têm como função reduzir a incerteza e organizar a realidade envolvente, tornando-se eles mesmos elementos “reais” constituintes desse mesmo meio, enquanto tendentes a produzir efeitos sociais auto-fundamentadores e reforçantes. (BAPTISTA, 1996, p.13).

A diferenciação social enquanto uma das funções das RS, explicam nitidamente o estereótipo enquanto modo de representação social, ele é uma dinâmica específica e significativa na vida social. Por ter um papel de manutenção do sistema de valores do indivíduo e do próprio *status quo* os estereótipos são dificilmente abalados por informações incongruentes a eles “[...] de facto, estas (RS) apresentam funções de organização significativa do real, explicando-o, função de comunicação” (BAPTISTA, 1996, p. 13).

Enquanto representação social os estereótipos possuem valor importantíssimo na percepção de outros seres humanos, pois eles são representações sociais de traços físicos e sócio culturais de determinados grupos, sendo um modelo de resolução para as contradições da vida cotidiana, servindo para dominar a realidade. Os estereótipos são representações sociais institucionalizadas, reiteradas e reducionistas. São representações porque são visões partilhadas coletivamente por um grupo. Reiteradas porque são criadas com base na repetição e são reducionistas porque transformam o complexo em algo simples, parecendo ser natural, se constituindo não como forma de discurso e sim formas de realidade. Diante do que acima mencionei, defino os estereótipos, então, como uma forma de representação social compartilhada coletivamente por determinado grupo social¹¹.

¹¹ Segundo Baptista, (1996, p. 14, os grifos são da autora) o termo estereótipo pode ser conceituado do seguinte modo: “uma espécie de esquema perceptivo associado a certas categorias de pessoas ou objectos (sic), *cristalizados em torno de uma palavra que os designa*, intervindo automaticamente a representação e caracterização dos espécimes (sic) dessas categorias”.

O estereótipo é importante elemento de diferenciação social e confunde-se com a representação social que uns grupos fazem sobre os outros. O estereótipo social permite organizar de forma relevante o real, influenciando os modos de agir e comunicar dos grupos, podendo ser entendido melhor a partir das representações sociais mais latentes das quais faz parte. Na perspectiva da Psicologia Social de Serge Moscovici o estereótipo tem a ver com as imagens pré-concebidas (devido ao processo de categorização)¹² que se cristalizam em um grupo social e que interferem na forma como os grupos sociais gerenciam a convivência entre si. Volta-se para a categorização, generalização e previsão em que o estereótipo opera. Procura identificar suas funções e seus efeitos de forma a compreender seu papel na organização do tecido social.

O estereótipo é, então, uma forma de conhecimento e de identificação social e a cada vez em que é acionado, atualiza-se por estar inserido em um contexto de comunicação e interação social que o retoma, seja para reforçá-lo, seja para questioná-lo. Assinalo ainda que cada época possui seus estereótipos, bem como cada grupo social constrói seus saberes coletivamente de acordo com o que vivenciam, isto significa dizer que os grupos podem conservar estereótipos antigos e também criar novos estereótipos.

Considero que os processos de socialização aos quais estamos expostos no dia-a-dia fazem-nos interiorizar as representações coletivas que circulam e são transmitidas ao longo do tempo aos membros de uma comunidade. Um desses processos de socialização ocorre na escola, daí estudar os estereótipos étnicos nas representações de crianças escolarizadas¹³.

¹² A categorização ocorre no processo de ancoragem das RS, "classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe [...], significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele [...]. Quando nós classificamos, nós sempre fazemos comparações com um protótipo, sempre nos perguntamos se um objeto comparado é normal, ou anormal, em relação a ele tentamos responder à questão: ele é como deve ser ou não?" (Moscovici, 2003, p. 63-66).

¹³ Na perspectiva de Morin (1990) o homem é um ser biopsicossociocultural, logo, incompleto e imaturo que precisa ser educado culturalmente, podendo adotar desta maneira comportamento estereotipado, uma vez que a culturalização dá-se pela multiplicação do conhecimento, de saberes e regras sociais que regem os modelos de conduta.

3 Florestan Fernandes e Roger Bastide: visões de estereótipos no brasil

Diante do que foi posto acerca das representações sociais e do próprio conceito de estereótipo, por questões metodológicas, escolhi três pensadores para dialogarem com a pesquisa sobre os estereótipos étnicos. Primeiramente, apresento de forma breve, a visão de estereótipos de dois sociólogos conceituados no Brasil: Florestan Fernandes e Roger Bastide, por serem os responsáveis por introduzirem a problemática do negro e as relações étnicas no Brasil, promovendo uma mudança do paradigma que era culturalista. (ARRUDA, 1996).

Os autores fazem importante estudo sobre os estereótipos étnicos na obra *Branco e Negro em São Paulo*, chamando a atenção para a estrita relação entre estereótipos e dominação/subordinação. Esta pesquisa realizada na década de 50 vem impactar o pensamento brasileiro sobre as relações étnicas, pois, o pensamento vigente era o de que as relações interétnicas, aqui, não apresentavam discriminação, e, por consequência, carecíamos de preconceito de cor, visto a amplitude da miscigenação efetuada no país desde sua formação.

Foi justamente essa crença que o estudo veio por à prova. Depois da Segunda Guerra Mundial a UNESCO realizou várias pesquisas sobre as relações étnicas no país e com base nesta crença, o Brasil seria um lugar peculiar no qual negros e brancos viveriam em estado de harmonia. Assim, o estudo de Bastide e Fernandes mostra que as representações coletivas, ou seja, sociais, sobre o negro assentam-se na estrutura dominação/subordinação,

Os que tentam apresentar exemplo de preconceitos em geral dão apenas ilustrações do preconceito de classe, não de cor. É que não há no Brasil, como nos Estados Unidos, uma pressão maciça de um grupo sobre o outro; os estereótipos variam conforme os setores da sociedade; as relações humanas atomizam-se numa poeira de relações interindividuais; as atitudes raciais variam conforme as famílias ou as pessoas. Entretanto, por trás desse caos aparente, é possível descobrir certas leis. (BASTIDE, 2008, p. 155).

Bastide salienta que o preconceito de cor, durante a escravidão pretendia justificar o trabalho escravo, e, hoje, justifica a divisão brasileira em classes. Isto quer dizer que na visão dos autores o preconceito de cor se prende às estruturas sociais e suas funções variam quando estas estruturas mudam. Vejamos a argumentação de Bastide (2008) em relação ao que afirmei acima “[...] o preconceito de cor, cuja função era justificar o trabalho servil do africano, vai servir agora para justificar uma sociedade de classes, mas nem por isto irão variar os estereótipos antigos, mudarão apenas de finalidade” (BASTIDE, 2008, p. 21).

Segundo o autor, um tipo novo de preto vai se formando na sociedade brasileira, o antigo escravo agora se transforma em cidadão, e o branco não sabe o que fazer porque “[...] os estereótipos tradicionais já não se aplicam a esse negro que sobe na escola social” (BASTIDE, 2008, p. 21).

A partir da análise de questionários aplicados em escolas de São Paulo, os autores procuram evidenciar os padrões de relações étnicas na classe média branca. Sobre os estereótipos constata que

Os estereótipos contra negros e mulatos estão bastante espalhados. Setenta e cinco por cento da amostra admitem 23 estereótipos ou mais contra negros. Nenhum rejeita a totalidade dos estereótipos contra negros. Para mulatos, o quadro global é um pouco menos desfavorável, ainda que bastante semelhante. Os mulatos são julgados inferiores ou superiores aos brancos com base nas mesmas características dos negros, mas com porcentagens algo inferiores. Os estereótipos mais largamente aceitos são: falta de higiene (aceito por 91% para negros), falta de atrativos físicos (87%), superstição (80%), falta de previdência financeira (77%), falta de moralidade (76%), agressividade (73%), indolência (72%), falta de constância no trabalho (62%), “perversidade” sexual (51%) e exibicionismo (50%). (BASTIDE, 2008, p. 296).

O estereótipo, para Bastide, não é componente imediato da estrutura social, mas irá interferir no “[...] ajustamento de seres humanos em situações sociais que se repetem, isto é, em situações sociais que fazem parte da estrutura social, ou da esfera de ajustamentos espontâneos da organização social, sujeitos, no

entanto, a controle social” (BASTIDE, 2008, p. 271).

A sociedade por ele analisada, na qual o preconceito de cor se manifesta, é consequência da industrialização, da urbanização, a imigração, de uma configuração na qual as classes convivem com antigas estruturas sociais

A industrialização, urbanização da cidade de São Paulo, o afluxo de imigrantes, o aparecimento de classes sociais bem estratificadas, deixando, porém, subsistir subterraneamente, como num edifício em conserto, partes inteiras da antiga sociedade tradicional não podem deixar de ter consequências nas manifestações externas, evidentes ou larvais do preconceito de cor. Mas a heterogeneidade é tal que já não se sabe como nem onde discerni-las sob seus múltiplos disfarces. (BASTIDE, 2008, p. 154).

A ideia de democracia étnica, na sua visão, representa papel significativo na variedade de comportamentos apresentados pelos brasileiros diante do preconceito de cor. A visão de Bastide sobre o preconceito de cor é matizada ficando claro que para ele o fenômeno permeia tanto negros quanto brancos no contexto das diversas classes sociais, ou seja, o preconceito de cor se aproxima do de classe, “[...] os estereótipos recalcados agem nas fronteiras indecisas do inconsciente, menos por construções sociais, um ritual institucionalizado, do que por repulsões instintivas, tabus pessoais” (BASTIDE, 2008, p. 155). Constato que para o autor, o preconceito reflete as transformações ocorridas na esfera social, pois apesar de não haver Apartheid no Brasil, o estereótipo apresenta-se como um preconceito de classe (BASTIDE, 2008).

Diante dos resultados da pesquisa o sociólogo crê que o estereótipo brasileiro perdura na sociedade para justificar a diferença social de classes, “[...] a cor não se confunde completamente com a classe, dentro da própria classe desempenha um papel discriminador” (BASTIDE, 2008, p. 169). Deste modo a cor age de duas maneiras: como estigma social ou como símbolo de um status social inferior, o que torna o preconceito de cor um instrumento de luta econômica, permitindo a dominação de um grupo sobre o outro.

Fernandes (2008), assim como Bastide, realiza outra leitura

das relações étnicas brasileiras superando a noção de que somos um país de relações raciais harmônicas. Para Fernandes, o folclore brasileiro é prenhe de histórias preconceituosas contra negros. Desta maneira, interpreta o preconceito étnico de uma maneira própria articulando-o ao processo de mudança social. Assinala a falta de uma política oficial de educação e reeducação para o negro que o fizesse compreender os padrões da nova estrutura social, a falta desta política fez com que os negros inseridos no mundo dos brancos fossem uma camada de excluídos e marginalizados da nova estrutura.

O fim da escravidão retirou do negro a função que ele ocupava na antiga sociedade, e a nova sociedade reintegra o negro de forma muito lenta lhe assegurando as piores posições dentro do mercado de trabalho. Por isso Fernandes busca no período escravocrata as origens do preconceito étnico no Brasil. Na sua visão a cor foi escolhida como símbolo social identificador dos estratos sociais diferentes: o homem livre era branco e o escravo negro.

A cor foi, portanto, selecionada como a marca racial que serviria para identificar socialmente os negros e os mestiços. Ela passou a ser um símbolo de posição social, um ponto de referência imediatamente visível e inelutável, através do qual se poderia presumir a situação de indivíduos isolados, como *socius* e como pessoa, tanto quanto definir o destino de uma raça. (FERNANDES, 2008, p. 95).

Diante da citação vejo que apesar das mudanças ocorridas no agrupamento social, o preconceito e a discriminação permaneceram como forma de manutenção da ordem escravocrata. Suas análises da sociedade brasileira contribuíram para quebrar a mística¹⁴ da democracia étnica, mostrando que o preconceito e a discriminação são formas de sobrevivência da estrutura social tradicional, e, o brasileiro diante desta situação comporta-se de forma preconceituosa por ter preconceito de ter preconceito.

¹⁴ Prefiro utilizar o termo mística ao invés de mito, pois o mito “é essa narrativa – obcecada pelos estilos da história e pelas estruturas dramáticas – que chamamos de mito” (Durand, 2002, p. 355), já o termo mística denota uma crença em algo. Sobre o mito fundador do Brasil ver Chauí (2001).

Fernandes em *O negro no mundo dos brancos* vem analisar a demora sócio-cultural do negro. Para o autor, determinados fatores contribuíram para manter a desigualdade étnica em diversos níveis como também os padrões sócio-culturais estranhos à ordem competitiva (FERNANDES, 1972). O negro aparece nas representações coletivas brasileiras de forma inferiorizada, por isto o folclore é fonte de estereótipos que emitem juízos de valores aos indivíduos, regulando sua conduta social. Para evidenciar tal fato o autor retira algumas crenças sobre o negro presentes na nossa sociedade “[...] preto não é gente; negro quando não suja na entrada, suja na saída; negro na festa de branco é o primeiro que apanha e o último que come; deitado é uma laje, comendo é um porco, sentado é toco” (FERNANDES, 2008, p. 141). Há uma tendência do branco em representar o negro de forma intencionalmente deprimente.

Em análise ao material obtido durante a pesquisa feita na cidade de São Paulo, o autor chega à conclusão de que os estereótipos funcionam antes mesmo das pessoas se relacionarem umas com as outras, deforma, determina as relações entre elas. Os estereótipos instituem a inferioridade negra, tais estereótipos configuram como a padronização da sociedade aristocrática brasileira (FERNANDES, 1972). Esta visão de Fernandes vem convergir com o que mencionei anteriormente ao referir-me da relação existente entre representação social e estereótipo. O estereótipo enquanto um modo de representação social determina as relações grupais, fazendo com que as pessoas tenham uma percepção diferenciada dos elementos que caracterizam o outro grupo.

A modernização de São Paulo pode trazer, na visão do autor, tendências emergentes de superação do preconceito de cor, mas mesmo assim assinala que é

Possível que o preconceito de cor encontre na sociedade de classes condições estruturais favoráveis à sua perpetuação; é provável que se desenvolvam, na população negra e mestiça, preconceitos de classe, aplicáveis nas relações dos indivíduos de cor entre si. (FERNANDES, 2008, p. 153).

Aqui apresentei de modo breve a ideia dos autores, não era minha intenção exaurir a questão étnica na perspectiva destes, apenas mostrar como a questão dos estereótipos é vista pelos mesmos. Fica claro que em Bastide os estereótipos se perpetuam para justificar a lógica da estrutura dominação/subordinação após escravidão, pois, o branco não sabia o que fazer com “o novo cidadão”. Fernandes vê a persistência dos estereótipos por meio dos juízos de valores que estes emitem, acabando por determinar os padrões de comportamentos dos indivíduos nas relações interétnicas. A análise sociológica dos autores revela que a estereotipia brasileira contém conteúdo negativo que não permite mudança.

4 Homi Bhaba: um novo olhar sobre os estereótipos

Homi Bhaba é destes autores nos quais a complexidade de escrita o torna de difícil entendimento. Porém, a escolha deste indo-britânico para dialogar com Fernandes e Bastide, é, a meu ver, acertada porque consegui perceber congruências e divergências entre eles. Centrei-me especificamente na noção de estereótipo concebida pelo autor.

Bhabha possui repertório refinado e complexo, o que torna a tarefa de interpretá-lo ainda mais desafiadora. O autor começa sua argumentação em *O local da cultura* dizendo que o afastamento das singularidades de classe ou gênero como categorias conceituais e organizacionais trouxeram uma consciência da posição do sujeito.

Esta consciência permite passar das “[...] narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos de diferenças culturais” (BHABHA, 2007, p. 20). Estes processos são chamados de *entre-lugares*, que fornecem “[...] terrenos para a elaboração de estratégias de subjetivação singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2007, p. 20), ou seja,

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De modo que se formam sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.). (BHABHA, 2007, p. 20, grifo do autor).

São nestes *interstícios* que os valores culturais são negociados, sendo o local da cultura um *entre-lugar* marginal e estranho resultante do embate das diferentes formas culturais. Daí a necessidade de entender a diferença cultural como produtora de identidades¹⁵ minoritárias. As diferenças sociais prefiguram não simplesmente como tradições culturais “[...] a representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 2007, p. 20).

A diferença cultural e a diversidade cultural são dois conceitos que permitem entender os estereótipos étnicos no entender do autor. A diversidade cultural atua como objeto epistemológico, enquanto a cultura é objeto de conhecimento empírico. A diferença cultural é o “[...] processo de enunciação da cultura como conhecível, legítimo” (BHABHA, 2007, p. 63). Por meio dela reconhecemos os conteúdos e costumes culturais pré-dados, originando noções liberais do multiculturalismo, do intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. Quando por meio da interação cultural os significados e valores são mal interpretados, surgem problemas entre grupos, surgem os estereótipos, as representações sociais estereotipadas.

Conforme, Bhabha, o limite da cultura deve ser pensado como um problema de enunciação cultural. Ele é um processo de significado por meio do qual “[...] afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, disseminam” (BHABHA, 2007, p. 63) produzindo

¹⁵ Identidade é entendida no presente estudo como a consciência que cada pessoa tem de si própria, da comunidade da qual faz parte, da classe social a que pertence, do grupo de raça/gênero que representa e do país em que vive. Esta consciência é elaborada na vida, a partir do cotidiano, sendo significada e dando significado às relações estabelecidas entre as pessoas, entre essas e o meio no qual se inserem (SILVA e MONTEIRO, 2000; SILVA, 1998).

campos de força. Ela altera a posição de enunciação e as relações de interpelação no seu interior “[...] não somente aquilo que é falado, mas onde é falado, o *topos* da enunciação” (BHABHA, 2007, p. 228). Não basta sermos conscientes dos sistemas que produzem os signos da cultura, pois a posição enunciativa, o *topos* da enunciação, produz discursos capazes de subverter a discriminação, construindo histórias e identidades

Quando compreendemos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação é que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou ‘pureza’ inerente às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos às instâncias históricas empíricas que demonstram seu hibridismo. (BHABHA, 2007, p. 67).

Este caráter ambivalente do processo enunciativo irá romper a cultura tradicional de um modelo, exigindo novas estratégias de dominação e de resistências culturais. É a partir da ambivalência que Bhabha¹⁶ pensa o estereótipo. Segundo Bhabha (2007) o discurso colonial possui uma dependência do conceito de fixidez na construção ideológica da alteridade “[...] a fixidez, como signo da diferença cultural histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 2007, p. 105). O conceito de ambivalência em Bhabha não significa duplicidade, pois os homens ambivalentes “[...] olham em duas direções sem terem duas faces” (BHABHA, 2007, p. 144).

O estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política. A analítica da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação. Minha leitura do discurso colonial sugere que o ponto de intervenção deveria ser deslocado do imediato reconhecimento

¹⁶ Bhabha também concebe o estereótipo como “um modo de representação complexo, ambivalente, contraditório” (op. cit, p. 110). Logo, o estereótipo é na visão do autor um modo de representação social.

das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivação tornados possíveis (e plausíveis) através do discurso do estereótipo. (BHABHA, 2007, p. 106).

O estereótipo é ambivalente porque não permite mudança, porque insiste na repetição, tudo deve permanecer no seu devido lugar “[...] o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório” (BHABHA, 2007, p. 110). Esta ambivalência desloca o indivíduo para o coletivo, marginalizando-o, promovendo omissões de certas verdades. Pretende apresentar aquele que sofre estereotipização como degenerado por causa de sua “raça”, justificando a conquista de uma “raça” sobre outras.

Bhabha explica o sentimento de superioridade em relação aos colonizados e de inferioridade em relação aos colonizadores como sendo a experiência da *ironia* na qual os dois sistemas de valores e verdades se relativizam, se questionam, se sobrepõem, fazendo com que a duplicidade e a ambiguidade sejam fortes características do hibridismo cultural.

Partindo do desconstrucionismo Bhabha valoriza o hibridismo como elemento constituinte da linguagem, portanto, da representação. Na visão de Bhabha, colonizado e colonizador fazem uso de uma tática chamada mímica, a partir da qual se constrói uma imagem persuasiva do sujeito com o objetivo de apropriar-se e apoderar-se do outro. Dessa forma, a identidade no hibridismo não é estanque, sempre remete a uma imagem.

A mímica representa um acordo irônico [...] então a mímica colonial é o desejo de um Outro reformado, reconhecível, como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente. O que vale dizer que o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência; para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença [...] A mímica emerge como a representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa. A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria do Outro ao visualizar o poder. A mímica é também o sig-

no¹⁷ inapropriado, porém uma diferença ou recalitrância que ordena a função estratégica dominante do poder colonial, intensifica a vigilância e coloca uma ameaça imanente tanto para os saberes “normalizados” quanto para os poderes disciplinares. (BHABHA, 2007, p. 130).

Do ponto de vista psicanalítico, baseado em Lacan, Bhabha trabalha com o estereótipo em termos de fetiche. Configura-se como uma espécie de fantasia que afirma uma ideia de totalidade (em relação à identidade) e tenta camuflar a percepção da diferença (alteridade), da ausência, criando o estereótipo no intuito de negar e assegurar a pureza cultural. Em Lacan

A mímica revela algo na medida em que é distinta do que poderia ser chamado um si-mesmo que está por trás. O efeito da mímica é a camuflagem [...]. Não se trata de se harmonizar com o fundo, mas contra um fundo mosqueado, ser também mosqueado – exatamente como a técnica de camuflagem praticada na guerra dos homens. (LACAN apud BHABHA, 2007, p. 129).

Os estereótipos configuram então como um substituto, uma sombra. A cor negra é ao mesmo tempo vida e morte; bom e mau; isto ocorre porque a “[...] cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação de crenças múltiplas” (LACAN apud BHABHA 2007, p. 126).

Diante do supracitado só posso dizer que o estereótipo promove uma amputação, uma *excisão* nas pessoas. É por isto que Bhabha admite a leitura do estereótipo como fetiche. O fetiche dentro do discurso representa o “[...] jogo simultâneo entre a metáfora como substituição (mascarando a ausência e a diferença do Outro) e a metonímia (que registra contiguamente a falta percebida do Outro)”¹⁸ (LACAN apud BHABHA 2007 p. 116).

¹⁷ Para Durand, estudioso do imaginário, portanto, com referencial diferente do aqui utilizado, “a maior parte dos signos são apenas subterfúgios de economia, que remetem para um significado que poderia estar presente ou ser verificado.. Podemos, portanto, pelo menos em teoria, distinguir dois tipos de signos: os *signos arbitrários* puramente indicativos, que remetem para uma realidade significada, se não presente pelo menos sempre apresentável, e os *signos alegóricos*, que remetem para uma realidade significada dificilmente apresentável” (1993, p. 8-10).

¹⁸ A metáfora diz respeito ao emprego de uma expressão ou palavra no sentido figurado, transfere-se uma palavra para o âmbito que não o objeto que ela designa, no fetichismo colocado por Bhabha a metáfora mascara a ausência e a diferença, isto é, nega o sujeito, o outro é visto

O fetiche ou mais precisamente o estereótipo dá acesso a “[...] uma identidade baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa” (LACAN apud BHABHA 2007 p. 116). Bhabha (2007) afirma que o estereótipo é sempre uma estratégia que visa fixar e reafirmar as diferenças culturais, estigmatizando o outro através de uma imagem congelada.

O estereótipo é na visão do autor uma simplificação falsa da representação de uma dada realidade porque é uma forma presa, fixa de representação que ao negar o jogo da diferença constitui um problema para a representação do sujeito nas relações sociais

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2007, p.117).

No entender de Bhabha o estereótipo é algo que define o outro a partir de nossos preconceitos, centrados em ideias que partem da fobia e do fetiche (fantasia), ou seja, de uma imagem idealizada que mistura medo e desejo ao mesmo tempo. O estereótipo requer, para uma significação bem sucedida, uma cadeia contínua e repetida de outros estereótipos. São sempre as mesmas histórias contadas sobre um determinado elemento da identidade cultural para garantir sua eficácia. Isto aparece como um reconhecimento espontâneo e visível da diferença, porém, Bhabha (2007) ensina que o estereótipo é uma pré-construção ou uma montagem ingênua da diferença. A padronização e a repetição do estereótipo contribuem para a criação de uma verdade que é dificilmente questionada, sendo frequentemente aceita como pura.

Neste sentido, a representação construída a partir de significados fixos (que delineiam a figura da pessoa, no caso, do negro) irá agir sobre o indivíduo, mascarando sua identidade,

por meio da metáfora. A metonímia é o processo de nomear um objeto por uma palavra designativa de outro objeto mantendo uma relação com o primeiro. No fetiche Bhabha adverte que a metonímia registra a falta do objeto representado.

trazendo à tona juízos de valor, tais como culpa, desvios de conduta e de caráter. Bhabha enfoca a análise dos estereótipos dentro dos estudos culturais, mais ligados, portanto, às questões de raça e etnia, seus pressupostos podem ser aplicados ao presente estudo, visto que falar de estereótipo é falar de representações sociais e em Bhabha (2007, p. 107) o que precisa ser questionado é justamente “[...] o modo de representação da alteridade”.

O foco de aproximação é: ao estereotipar, há um problema para a representação que, carregada de valores, em geral condenáveis, generaliza situações, não permitindo ao estereotipado (neste artigo, o negro) ambicionar uma nova posição de sujeito. O sujeito aqui é percebido na perspectiva de Morin (1990)

Um ser de afetividade intensa e instável que sorri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, ébrio e estático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte, mas não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e quimeras, um ser subjetivo, cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser úbrico que produz desordem. (MORIN, 1990, p. 40).

É possível aproximar Bhabha de Fernandes e Bastide, uma vez que os autores veem o discurso do estereótipo como forma de governabilidade que justifica e estabelece sistemas administrativos. O estereótipo é lido como uma estratégia de dominação-subordinação que serve à estratégia de controle. A estratégia utilizada para inferiorizar o outro, está articulada à criação de estereótipos.

Este é válido porque o criador do estereótipo controla as atribuições negativas inerentes a este processo por meio de estratégias discursivas e subjetivas justificando a opressão e a discriminação. Em suma, no pensamento dos autores os estereótipos servem para definir as fronteiras representativas entre o dito normal e o anormal, entre os que seguem as regras sociais e aqueles a quem as regras excluem. Devido ao jogo de poder, controlado pelo criador do estereótipo, os estereotipados sempre canalizam as características negativas do ser

humano.

Mas em certa medida necessito colocar as divergências entre seus pensamentos em virtude de Bhabha entender que apesar do conteúdo pejorativo do estereótipo este permite mudança. O estereótipo por ser ambivalente permite a reação dos estereotipados, pois enquanto representação é formação¹ e deformação. Já não se pode situar as extremidades da cultura como locais visíveis, passíveis de serem observadas e captadas. É preciso, conforme Bhabha (2007) analisa, considerar os “interstícios”, a “borda das fronteiras”, o espaço limiar que se estabelece entre o ser e o não ser, entre o negro e o não-negro, o que está em cima e o que está embaixo. Um espaço de transição intervalar.

O sujeito se constitui nas relações que estabelece com o outro e a partir do outro, elaborando uma imagem do que somos. São nestas relações que fortalecemos vínculos, laços de solidariedade. Cruzamentos que se dão nas relações do cotidiano, por *entre-lugares*, conforme Bhabha sugere, ainda que nesses cruzamentos ocorram tensões e conflitos. O entre-lugar é chave para compreender os estereótipos enquanto representação social, visto que no entre-lugar as identidades fixas² são destruídas dando lugar a novos signos de identidades.

5 Considerações finais

Os estereótipos configuram então como um substituto, uma sombra. A cor negra é ao mesmo tempo vida e morte; bom e mau; isto ocorre porque a “[...] cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação de crenças múltiplas” (BHABHA, 2007, p. 126).

¹ A Teoria das Representações Sociais toma como ponto de partida a diversidade dos indivíduos.

² Identidades fixas são aquelas aceitas como legítimas pela sociedade, aquelas cujas representações sociais são compartilhadas e aceitas por esta. Hall (1999), alerta que atualmente as identidades estão sendo descentradas e fragmentadas, a pessoa está deixando de ter uma única e estável identidade (fixa), para adquirir várias, e, até mesmo outras várias contraditórias. A identidade é formada e transformada, continuamente, de acordo como é representada nos sistemas culturais que a rodeiam. Sobre o assunto ver Hall, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

O processo de ambivalência é central para o estereótipo, pois a força ambivalente do estereótipo o torna válido. O estereótipo na visão de Bhabha pode ser visto de duas formas distintas: ambivalente e fetichista. O estereótipo é ambivalente porque não permite mudança, porque insiste na repetição, tudo deve permanecer no seu devido lugar “[...] o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório” (BHABHA, 2007, p. 110). Esta ambivalência desloca o indivíduo para o coletivo, marginalizando-o, promovendo omissões de certas verdades. Pretende apresentar aquele que sofre estereotipização como degenerado por causa de sua “raça”, justificando a conquista de uma “raça” sobre outras.

Diante do supracitado só posso dizer que o estereótipo promove uma amputação, uma *excisão* nas pessoas, pois ele é *uma representação social compartilhada coletivamente*. A padronização e a repetição do estereótipo contribuem para a criação de uma verdade que é dificilmente questionada, sendo frequentemente aceita como pura. Se no escopo limitado e fixo da estereotipia o indivíduo discriminado é constringido a se inserir na representação que dele é feita, é levado a assumir o conteúdo pejorativo que irá representar, no escopo do entre-lugar, ao contrário, o sujeito discriminado não cumpre as representações estabelecidas exteriormente, pois é informado por uma lógica transgressora, a da diferença cultural. Concordo com Bhabha (2007, p. 101) quando afirma que “[...] relembrar nunca é um ato tranquilo de introspecção ou retrospectção. É um doloroso re-lembrar, uma re-agregação do passado desmembrado para compreender o trauma do presente”. Re-lembrar as discussões em torno do conceito estereótipo, das representações sociais e sua relação com os estereótipos, foi necessário, por possibilitar identificar as estereotipias recorrentes na sociedade brasileira em relação aos negros.

Referências

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n.117, p. 127-147, nov. 2002.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social**: uma

- abordagem psico-sociológica. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1996.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CARMO, Daniela do. **O lance da cor**: um estudo sobre os estereótipos em duas escolas públicas da periferia paulistana – 2000/2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Campinas. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>>. Acesso em: 20 de jan. 2008.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1978.
- FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008.
- _____. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.
- GAHAGAN, J. **Comportamento interpessoal e de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JODELET, Denise (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo**: uma dupla abordagem. Lisboa: Aveiro, 1996.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de ciências sociais**, v. 19, n. 55, 2008.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMÕES, A. **Estereótipos relacionados com os idosos**. [S. l.], 1985.

SILVA, Petronilha; MONTEIRO, Hilda. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWIXZ, A.; MELO, R. R. **Educação**: pesquisas e práticas. Campinas: Papyrus, 2000.

TAJEFEL, H. Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: SILVA, B. A.; VALA, J.; MONTEIRO, M.; CATARRO, H. (Orgs.). **Mudança social e psicologia social**. Lisboa: Horizonte, 1980.

VALA, J. Sobre as representações sociais: para uma epistemologia do senso comum. **Cadernos de Ciências Sociais**, n. 4, 1996.

_____. **Representações sociais**: para uma sociologia social do pensamento social. Lisboa: Gulbenkian, 1993.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. **Desenhos estereotipados**: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? Rio de Janeiro: ADVIR, 1995.